



Estudo mostra quais setores lideram contratações de mulheres em TI

“Diversidade de perspectivas é fundamental para o desenvolvimento de soluções mais criativas e eficazes, e ignorar o talento feminino representa uma grande perda de potencial estratégico”, diz CEO da empresa

O mito de que tecnologia é “coisa de homem” está ficando para trás, e os números já comprovam esse movimento. De salas de aula a squads de empresas globais, as mulheres estão ocupando funções antes dominadas por homens e transformando a dinâmica do setor de tecnologia.



Segundo o último relatório da Brasscom (Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação), as mulheres representam 34,2% da força de trabalho no setor de tecnologia no Brasil, enquanto os homens somam 63,1% e as pessoas não-binárias, 1%. A presença feminina também avança nos cargos de liderança: 34,1% dos cargos de diretoria e gerência já são ocupados por mulheres, um crescimento de 1,6 ponto percentual entre 2019 e 2024. Em áreas técnicas como TI e P&D, a presença feminina atingiu 28,1%, um salto de 4,6 pontos no mesmo período, mostrando que a diversidade de gênero não apenas impulsiona a inovação, como se torna cada vez mais relevante para a competitividade das empresas de tecnologia no país.

Diante desse aumento, algumas áreas de tecnologia vêm se destacando na contratação de mulheres. Um levantamento recente da Koud — empresa especializada no recrutamento de profissionais de tecnologia — revela que funções como

QA (Quality Assurance ou Controle de Qualidade), Análise de Dados e Suporte Técnico lideram em presença feminina. Além disso, há um avanço significativo em cargos estratégicos, como Product Owner (Gestor de Produto), Business Analyst (Analista de Negócios), UX/UI Designer (Design de Experiência), e em áreas emergentes, como cibersegurança.

“É preciso entender que diversidade não é pauta de RH, é questão de negócios. Times diversos performam melhor, questionam padrões, trazem novas perspectivas e resolvem problemas antigos de formas inovadoras”, comenta Frederico Sieck, CEO da Koud.

Frederico Sieck, CEO da Koud

Para ele, a diversidade está diretamente ligada à competitividade: “Empresas que não promovem a inclusão e a valorização das mulheres no setor de Tecnologia da

Informação correm o sério risco de ficar para trás em um mercado cada vez mais competitivo e inovador. A diversidade de perspectivas é fundamental para o desenvolvimento de soluções mais criativas e eficazes, e ignorar o talento feminino representa uma grande perda de potencial estratégico”.

Um exemplo de como a mulher traz diferenciais competitivos às empresas é na área de UX/UI Design: as mulheres vêm trazendo um olhar humano e estético aos produtos digitais. “Empatia não é só um diferencial, é o núcleo do design centrado no usuário. Elas entendem de navegação, acessibilidade e experiência de forma intuitiva, o que gera retenção de clientes e agrega valor aos produtos”, destaca o profissional.

Já na área de QA, que garante a qualidade e a robustez dos softwares, “estamos vendo mulheres elevarem o padrão dos produtos com um

olhar crítico e detalhista, tão necessário em QA. Elas são minuciosas, organizadas e comprometidas, qualidades que impactam diretamente a qualidade final do software entregue”, afirma Sieck.

Em cibersegurança e governança de TI, um dos setores mais técnicos e fechados do mercado, mulheres começam a conquistar espaço, assumindo postos críticos na proteção de dados, na gestão de riscos e na criação de políticas de compliance tecnológico. “Elas estão mostrando que segurança da informação não é só técnica, mas estratégia de negócio”, reforça.

Vendo como as mulheres têm assumido papel estratégico no setor de tecnologia, a Koud, que atua conectando talentos de tecnologia a empresas no Brasil e no exterior, vem apostando em políticas claras de equidade de gênero no recrutamento.

“Talento não tem gênero, e cada vez mais empresas estão entendendo que contratar mulheres para funções técnicas gera impacto positivo direto na qualidade e na inovação. Assim, enquanto muitas empresas ainda hesitam em adotar políticas ativas de diversidade, outras já colhem os frutos. Abrir espaço para as mulheres na TI passou a ser uma questão de estratégia, performance, e quem entende isso sai na frente”, conclui. Mais informações: <https://koud.com.br/>.

Inteligência financeira: seu escudo contra o caos econômico

Rodrigo Tognini (*)

Na atualidade, o Brasil enfrenta o que analistas chamam de “tempestade perfeita” — quando fatores globais e domésticos se combinam para ampliar os efeitos negativos sobre a economia

A virada de chave está na área financeira reconhecer que a melhor defesa é organizar o que já está dentro de casa, sem buscar crédito no impulso. Isso começa com a visibilidade absoluta das finanças. Saber em tempo real para onde vai cada centavo não é mais um diferencial, mas sim a base para qualquer decisão, seja renegociar um contrato com um fornecedor de software americano ou cortar um custo antes que vire um problema.

Outro ponto importante é usar a eficiência operacional ao próprio favor, uma vez que cada processo manual e minuto gasto em conciliação de despesas é uma via por onde a rentabilidade pode escapar. Casos como o da Lemon, empresa do setor de energia limpa, provam que centralizar a gestão financeira e automatizar processos podem economizar duas horas diárias de trabalho da equipe. Esse tempo, que antes era consumido por planilhas e burocracia, agora é reinvestido em análises relevantes, protegendo ativamente a margem de lucro que os fatores externos tentam corroer.

E mais do que nunca, o caixa precisa ser tratado como um recurso estratégico, com projeções realistas, controle diário e atenção redobrada. Em tempos de incerteza externa, a solidez financeira passa menos por crescer a qualquer custo e mais por resistir com inteligência e margem de manobra, inclusive para aproveitar possíveis oportunidades que venham a surgir com a crise.

No mais, é importante seguir atento a essas movimentações. A imprevisibilidade global é uma constante. A capacidade de se adaptar financeiramente a ela, não. Em meio à tempestade, a melhor bússola é a gestão do próprio negócio.

A Selic opera a 15% ao ano, o governo confirmou o aumento do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) e os Estados Unidos impuseram uma taxa de 50% sobre produtos brasileiros. Trata-se, sem dúvida, de mais um capítulo desafiador para empreendedores e líderes de negócios no país.

Para as startups, por exemplo, o acesso ao capital de risco torna-se mais seletivo justamente no momento em que o custo para manter a infraestrutura tecnológica é reajustado pela variação cambial (com exceção das empresas que estão surfando a onda da Inteligência Artificial, ainda com forte apetite dos investidores). Já para as PMEs (Pequenas e Médias Empresas), o financiamento e o acesso a linhas de crédito ficam mais restritos e com maiores exigências de contrapartida, enquanto a inflação continua exercendo pressão relevante sobre os preços.

A reação natural de muitos gestores para lidar com essa situação, muitas vezes, é a paralisia ou uma busca reativa por liquidez — um capital que está mais caro e restrito justamente pelos mesmos fatores. Já a atitude mais estratégica aponta para outra direção: concentrar energia e recursos naquilo que podemos, de fato, controlar. Se não dá para alterar a política de juros ou as tarifas de importação, é totalmente possível transformar a maneira como nossa empresa opera para se tornar mais resiliente a elas.

Os alicerces da saúde financeira - Muitas vezes, a crise externa apenas amplifica os gargalos internos.

(*) Cofundador e CEO da Conta Simples, principal plataforma de gestão de despesas no Brasil.

Renda passiva: como dar os primeiros passos para construir um futuro financeiro mais tranquilo

Começar a investir em renda passiva, de acordo com a educadora financeira, Luciana Pavan, é construir uma vida financeira mais segura e equilibrada. Esse é um desejo comum, mas muitas pessoas ainda não sabem como começar. Uma das estratégias mais eficazes nesse processo é a criação de renda passiva — um conceito que vai além do salário tradicional e pode trazer liberdade, segurança e mais qualidade de vida.

De acordo com a educadora financeira, renda passiva é o valor que se recebe a partir da remuneração de investimentos no mercado financeiro ou de aluguéis de imóveis. “Ao contrário do salário, em que troca-se tempo por dinheiro, a renda passiva é gerada por ativos, como investimentos ou propriedades. É quando o dinheiro começa a trabalhar para o cidadão”, explica.

Por que renda passiva importa? - Para Luciana Pavan, que atua como mentora há 9 anos, os benefícios vão muito além da parte financeira. Ela destaca que a renda passiva pode ser uma aliada importante para o bem-estar emocional. Isso porque garante mais autonomia sobre escolhas de vida, funcionando ainda como uma rede de proteção em casos de imprevistos e, consequentemente, ampliando as possibilidades de

aproveitar o tempo com aquilo que realmente importa.

Preciso ser rico para começar? - Um dos grandes mitos sobre renda passiva é a ideia de que é preciso ter muito dinheiro para investir. “Na verdade, o primeiro passo é garantir sua reserva de emergência, com o equivalente a pelo menos seis meses de despesas aplicadas em investimentos de baixo risco e alta liquidez. Só, então, é indicado avançar para produtos de maior risco, que realmente podem gerar renda passiva no médio e longo prazo”, orienta Luciana.

Formas mais comuns de gerar renda passiva - Entre as alternativas mais populares para gerar renda passiva estão os dividendos de ações, que representam a parte do lucro distribuído por empresas; os Fundos de Investimento Imobiliário (FIIs), que proporcionam rendimentos provenientes de shoppings, escritórios ou galpões; e os aluguéis de imóveis, que garantem uma receita recorrente a partir da locação de bens.

Embora essas opções sejam atrativas, Luciana reforça que todo investimento envolve risco, seja pela oscilação de ações e fundos ou pela possibilidade de um imóvel ficar vago. “O segredo é diversificar, para equi-

librar eventuais perdas e proteger seu patrimônio”, acrescenta.

Em quanto tempo é possível viver de renda passiva? - Não existe uma resposta única: depende do quanto a pessoa consegue economizar, de seus objetivos e do valor investido. O ideal é construir um patrimônio capaz de gerar uma renda mensal maior que as despesas. “Se alguém tem gastos de R\$ 5 mil por mês, o recomendado é que a renda passiva seja de, pelo menos, R\$ 6.500, garantindo margem de poupança de 20% ao mês”, explica.

O primeiro passo: organização - Para quem deseja começar, a educadora recomenda três etapas essenciais: organizar o orçamento, poupar com disciplina e estudar sobre investimentos. “Investir dentro da realidade, mas com consistência, é o melhor caminho. O importante é não ficar parado. Um pouco por mês pode se transformar em uma grande surpresa positiva no futuro”, conclui.

Em paralelo, é crucial estudar e informar-se para não cair na armadilha do “feito manada”, isto é, investir em alguma coisa só porque alguém já está colocando dinheiro ali sem saber se tem conexão com o seu perfil.

Empresas & Negócios



www.netjen.com.br

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171